

**CINZAS OFUSCANDO HORIZONTES E REVELANDO DISCURSOS: A  
PERCEPÇÃO COLETIVA DA CRISE AMBIENTAL DAS QUEIMADAS EM UMA  
PESQUISA DE OPINIÃO FEITA NO RIO GRANDE DO SUL**

**ASH OVERSHADOWING HORIZONS AND REVEALING DISCOURSES: THE  
COLLECTIVE PERCEPTION OF THE ENVIRONMENTAL CRISIS OF BURNING  
IN AN OPINION POLL CONDUCTED IN RIO GRANDE DO SUL**

Recebido em: 02/04/2025

Aceito em: 18/05/2025

Publicado em: 04/06/2025

Lucimara Rocha de Souza<sup>1</sup>   
Universidade de Cruz Alta

Vanessa Steigleder Neubauer<sup>2</sup>   
Universidade de Cruz Alta

Natalia Hauenstein Eckert<sup>3</sup>   
Universidade de Cruz Alta

**Resumo:** Este artigo analisa crítica e discursivamente as percepções e os sentimentos provocados pela imagem intitulada *Amanhecer ofuscado por cinzas sob a velha guajuvira*, capturada no contexto das queimadas recentes em biomas brasileiros, no ano de 2024. A pesquisa se fundamenta na Teoria Social do Discurso de Fairclough, para interpretar as respostas obtidas por meio de um formulário no *Google Forms*. A estrutura do artigo desvenda as suas questões propulsoras, formadas das indagações: o que é a imagem e o que a imagem é, o que ela quer dizer, para quem disse e o que disseram estes, sobre ela. O instrumento investigativo incluiu seis perguntas fechadas e abertas, direcionadas a 15 participantes, com foco nas reações emocionais, atitudes e preocupações ambientais. A análise segue o modelo tridimensional de Fairclough, em três níveis: descrição dos fenômenos linguísticos nas respostas, interpretação dos discursos e exame crítico das ideologias subjacentes. Justifica-se a pesquisa pela relevância de compreender como imagens que expõem os impactos ambientais mobilizam a sociedade e podem fomentar ações conscientes e inconscientes frente às mudanças climáticas e à degradação ambiental.

**Palavras-chave:** Análise Crítica do Discurso; Desenvolvimento Sustentável; Teoria Tridimensional.

**Abstract:** This article critically and discursively analyzes the perceptions and feelings caused by the image entitled Dawn by ash under the old Guajuvira, captured in the context of recent burning in Brazilian biomes, in 2024. The research is based on the social theory of Fairclough discourse, to interpret the answers obtained through a form in Google Forms. The structure of the article unravels its driving questions, formed from questions: what is the image and what the image is, what it means and to whom they said and what they said about it. The investigative instrument included six closed and open questions directed at 15 participants, focusing on emotional reactions, attitudes and environmental concerns. The analysis follows the three -dimensional model of Fairclough, at three levels: description of linguistic phenomena in the responses, interpretation of discourses, and critical examination of underlying ideologies. Research is justified by the relevance of understanding how images that expose

---

<sup>1</sup> Mestre no Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta (Unicruz). E-mail: lucimara.rocha.souza.lrs.lrs@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2015). Pesquisadora FAPERGS e CNPq. Graduanda em Direito/Unicruz. E-mail: vneubauer@unicruz.edu.br.

<sup>3</sup> Doutora em Engenharia pelo PPGEng - UPF. Professora da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). Atualmente é coordenadora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNICRUZ e professora do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social Mestrado e Doutorado da UNICRUZ. E-mail: eckert@unicruz.edu.br.

environmental impacts mobilize society and can foster conscious and unconscious actions in the face of climate change and environmental degradation.

**Keywords:** Critical Discourse Analysis; Sustainable Development; Three -dimensional Theory.

## INTRODUÇÃO

A degradação ambiental e seus impactos socioambientais têm sido temas recorrentes em discussões acadêmicas, políticas e midiáticas, mobilizando diferentes discursos e narrativas sobre as mudanças climáticas e suas consequências. No Brasil, país de dimensão continental e de grande diversidade biótica, as queimadas representam um dos principais problemas ecológicos atuais, pois afetam, além da biodiversidade, a qualidade de vida das populações direta e indiretamente impactadas pela poluição atmosférica resultante.

A fotografia *Amanhecer ofuscado por cinzas sob a velha guajuvira*, capturada pelas pesquisadoras, em meio às queimadas ocorridas no Brasil em 2024, representa um elemento discursivo potencial para a reflexão sobre os efeitos ambientais desses eventos. Ao evidenciar um horizonte encoberto por partículas de fumaça e um sol obscurecido pela poluição, a imagem documenta um fenômeno ambiental e suscita interpretações e sentimentos da percepção coletiva da população sobre a crise climática.

Diante disso, a presente pesquisa busca analisar crítica e discursivamente<sup>4</sup> as respostas obtidas a partir da observação dessa imagem. A fundamentação teórica se baseia na Teoria Social do Discurso de Fairclough, a qual permite compreender como as imagens são mais do que representações neutras da realidade, configurando-se como construtos simbólicos que influenciam a percepção e a formação de discursos hegemônicos.

Para tanto, foram formuladas questões investigativas direcionadas à compreensão da imagem como elemento discursivo e suas reverberações na consciência ambiental dos participantes. Indagou-se: (i) o que é a imagem e o que a imagem é; (ii) o que ela quer dizer; (iii) para quem disse; e (iv) o que disseram estes, sobre ela. Essas questões pretendem interpretar o impacto emocional da imagem, ao passo que também, quer situá-la dentro de processos

---

<sup>4</sup> A pesquisa segue a linha 01 – linguagem, comunicação e sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta/RS, do qual a pesquisadora faz parte como mestranda e bolsista (fomento 001 da CAPES). Essa linha “[...] objetiva a discussão de aspectos e questões que envolvem a linguagem em seus múltiplos fatores, como: língua, discurso, ideologia, narrativas de seu cotidiano; construção de sentido e significado das ações e práticas sociais, culturais, políticas e econômicas e ambientais efetivadas pelas comunidades loco-regionais e a sua relação com o desenvolvimento humano e social, numa perspectiva global.”, está referido em Unicruz (2013, s/p). Ver: UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA (UNICRUZ). *Programa PSDS: Linhas de Pesquisa*. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/o-programa-psds/>. Acesso em: 18 jan. 2025.

discursivos mais profundos, identificando-se os sentidos mobilizados pelos participantes e suas implicações no imaginário ambiental contemporâneo.

A metodologia adotada seguiu um modelo de pesquisa qualitativa, com a aplicação de um questionário estruturado no *Google Forms*, contendo seis perguntas abertas e fechadas, respondido por 15 participantes. Por se tratar de formulário desenvolvido para coletar opiniões públicas de maneira anônima, as diretrizes éticas estabelecidas pela Resolução CNS nº 510/2016 foram respeitadas, enquanto, as respostas não identificaram os participantes, garantindo-se, assim, a privacidade e confidencialidade dos dados. Estes, foram analisados sob a perspectiva tridimensional de Fairclough, que compreende a interação entre as dimensões textual, discursiva e social prática do discurso. Tal abordagem foi escolhida por permitir identificar como o discurso ambiental é estruturado linguisticamente, interpretado pelos participantes e posicionado dentro de relações de poder.

Justifica-se esta pesquisa pela necessidade de compreender como elementos visuais influenciam a percepção e mobilização social frente à crise climática e, por ser este um fenômeno cada vez mais frequente e cuja indagação e reflexão dependem além da sobrevivência a vivência humana<sup>5</sup>. Em um cenário de degradação ambiental crescente, investigam-se os modos pelos quais a construção discursiva das imagens pode reforçar ou questionar discursos estabelecidos sobre responsabilidade ambiental e mudanças necessárias para um futuro sustentável e sustentado<sup>6</sup>.

## CONTEXTO E CONJUNTURAS DA IMAGEM ESTUDADA: O QUE É A IMAGEM E O QUE A IMAGEM É?

Aqui, a ordem dos fatores altera o resultado, por isso, quando se indaga ‘*o que é a imagem*’, neste primeiro tópico, pretende-se responder o significado ontológico ou conceito do

---

<sup>5</sup> Em termos linguísticos e de significado, *viver* e *sobreviver* têm conotações distintas sobre diferentes níveis de existência e experiência humana. Viver, aqui, se refere a uma vida plena, sob os ideários de Amartya Sen. Sugere-se a leitura de SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. Tradução de José Marcos Mariani. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Enquanto, o termo *sobreviver*, por outro lado, refere-se à ação de continuar existindo ou permanecer vivo, muitas vezes em condições adversas e sem dignidade.

<sup>6</sup> A expressão *futuro sustentável e sustentado* se conecta diretamente com as ideias de Ignacy Sachs, particularmente, no que tange à sua concepção de *desenvolvimento sustentável*, que é simultaneamente ecologicamente responsável e socialmente justo. Para Sachs, o desenvolvimento deve ser concebido como um processo integrado que respeite os limites do meio ambiente e, ao mesmo tempo, promova a equidade social e a participação democrática. O termo *sustentável* refere-se à capacidade de manter o equilíbrio ecológico e os recursos naturais ao longo do tempo, enquanto *sustentado* implica em um processo contínuo, dinamicamente alimentado por ações políticas, sociais e econômicas que garantam uma melhoria constante nas condições de vida. Tal construto teórico sobre as teorias de Sachs serão abordadas em uma releitura posterior desta mesma pesquisa. Sugere-se a leitura de: SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento sustentável: o futuro do mundo**. Tradução de Maria de Fátima Oliveira. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

que é uma imagem, enquanto, ‘*o que a imagem é*’ refere-se ao contexto de determinada imagem, que neste caso, é a fotografia intitulada *Amanhecer ofuscado por cinzas sob a velha guajuvira*.

Imagem 01 – Imagem foco do estudo.



**Fonte:** captura feita pelas pesquisadoras.

A imagem foi registrada no dia 11 de setembro de 2024, no Campus da Universidade de Cruz Alta/RS, Unicruz, frente/lateral-direita ao prédio de nº 12, próximo as Guajuviras e, possui uma descrição própria que a acompanhou no formulário do *Google Forms*: retrata o céu com o sol avermelhado difuso da primeira hora da manhã ofuscado por uma camada densa de partículas de fumaça refletidas e dispersas, provocando o efeito observado, proveniente das queimadas em toda a região amazônica e em outros biomas do Brasil, nos últimos meses, contrastando a poluição voraz e nociva com as folhas da velha e persistente guajuvira.

Além da descrição contextual sobre [a] imagem, por ter sido capturada por um dispositivo tecnológico é considerada *imagem técnica*, que são [...] superfícies construídas com pontos [...], diz Flusser (2008, p. 03). Ao se recorrer às imagens técnicas, não se está retrocedendo da unidimensionalidade para a bidimensionalidade, mas precipitando-se da unidimensionalidade para a ausência de dimensão. Isto é, Flusser (2008) se utiliza de

concepções físicas para explicar que os seres humanos estão imersos no espaço-tempo, em um mundo de volumes que se aproxima e se afasta, sendo possível ao ser humano, de certo modo, *manipular* e *abstrair* o tempo e, assim, o transformar em um mundo circunstancial: [...] a circunstância imaginada, a cena, representa a circunstância palpável (Flusser, 2008, p. 04).

As imagens técnicas, muito presentes na vida moderna, possuem um caráter particular: enquanto aparentam ser representações objetivas da realidade, são, na verdade, interpretações mediadas pelos dispositivos que as produzem e que são por nós (seres humanos) manipulados. Elas não dizem o mundo de forma neutra, mas traduzem-no, segundo os parâmetros e intenções dos aparelhos e dos operadores, o que demanda uma leitura crítica, pois as imagens técnicas, ao contrário de serem simplesmente descrições da realidade, atuam como construções culturais carregadas de significados simbólicos. Para Flusser (2008), compreender e decifrar essas imagens exige um certo esforço interpretativo que vá além da superfície visível, explorando-se os valores e mensagens que elas veiculam.

A concepção de imagem como um fenômeno dinâmico é discutida por Alloa (2015, p. 07), quando aponta, "[...] interrogar-se sobre o que é uma imagem seria ainda ignorar que a imagem tende a se disseminar, declinar-se dela mesma em formas plurais, se desmultiplicar em um devir-fluxo que se sustentaria instantaneamente no Um [...]". Quer dizer Alloa (2015, p. 07), que "[...] perguntar o que é uma imagem retorna inevitavelmente a uma ontologia, a uma interrogação sobre seu ser [...]". Tal perspectiva dialoga com a análise da imagética presente na pesquisa, na medida em que se evidencia a fluidez e a ressignificação contínua das imagens no discurso contemporâneo.

No caso da imagem *Amanhecer ofuscado por cinzas sob a velha guajuvira*, trata-se de uma imagem técnica que aparenta registrar fielmente um fenômeno ambiental — a poluição atmosférica causada por queimadas-. Contudo, uma análise aprofundada, alinhada às perspectivas de Flusser (2008), demonstra que ela, além de ser um retrato da realidade, é também uma construção simbólica que sintetiza relações entre devastação e resiliência, natureza e intervenção humana, ao aflorar debates sobre responsabilidade ambiental e as relações entre técnica, estética e crítica social.

Por certo, admite-se que a imagem se apresenta como um fenômeno ambivalente, que oscila entre sua finitude material e sua capacidade de transpor limites perceptivos. De um lado, há uma perspectiva que a entende como representação vinculada a um referente externo, fundamentada na transparência da imagem enquanto *signo*, em que a significação decorre da

relação entre um  $x$  e um  $y$ , referente a algo além de si mesma, tornando-se um veículo de representação (Alloa, 2015).

De outro lado, há uma visão que enfatiza a opacidade da imagem, concebendo-a como uma entidade autossuficiente, cuja existência não depende de um referente externo, mas sim de sua presença imanente no espaço. No entanto, tais perspectivas não se excluem, pois, a tradição demonstra que a imagem oscila entre essas duas dimensões: ao mesmo tempo em que carrega um potencial de representação, mantém uma materialidade irreduzível. A conjunção entre o que se chama de *opacidade* e *transparência* articula-se historicamente na estética e na semiologia da imagem (Alloa, 2015).

Assim, ao responder *o que é a imagem*, seria correto dizer que não é um *signo* puramente referencial, nem uma matéria indecifrável, mas uma interface dinâmica entre significação e presença, entre discurso e percepção, cujos sentidos advêm da rede de relações em que se inscreve, tanto a imagem, como àquele que a interpreta. Enquanto, por saber *o que a imagem é*, parte-se da concepção daquela [pessoa] que a produziu tecnicamente, podendo-se dizer subjetivamente que é uma provocação, uma evocação para fazer sentir algo em alguém, como refere Didi-Huberman (1998, p. 10), isso diz com “[...] sua capacidade de provocar, de abrir um pensamento [...]”. Logo, o que se esperava com esta imagem específica *‘Fotografia 01’* era fazer expor o pensamento, tanto de quem a produziu, como de quem a consumiu.

## **O SIGNIFICADO DA IMAGEM CONVERSANDO COM A IMAGÉTICA E A SEMIÓTICA: O QUE A IMAGEM QUER DIZER?**

A Teoria Geral do Imaginário fala sobre uma concepção de imagem que perpassam o domínio iconográfico, em níveis mais profundos de manifestação simbólica. Segundo Durand (1995, p. 8-10), além das imagens baseadas no *signo* e na *alegoria*, existe um terceiro grau de imagem acessível à consciência, denominado *imaginação simbólica*. Este, ocorre quando nenhuma parte do significado pode ser plenamente apresentada de forma explícita, configurando-se como uma manifestação direta de conteúdos do inconsciente coletivo<sup>7</sup>.

A relação entre imagética e semiótica se insere em um debate teórico que atravessa disciplinas como a filosofia, a comunicação e a história da arte. Singelamente, a imagética, enquanto campo de estudo das imagens e de sua expressividade, investiga a forma como as imagens atuam no imaginário e no pensamento humano. A semiótica, por sua vez, compreende

---

<sup>7</sup> Sugere-se a leitura de: JUNG, Carl Gustav. **O inconsciente coletivo e os arquétipos**. Tradução de Sérgio Telles. 1. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2010 e; JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Editora Pensamento, 1980.

os signos e seus sistemas de significados, analisando-se os modos pelos quais, as imagens podem ser interpretadas dentro de determinadas estruturas simbólicas (Peirce, 1998; Eco, 1984).

No campo da semiótica, Peirce (1998; 2005) propõe uma classificação dos signos em ícones, índices e símbolos. As imagens, segundo essa tipologia, podem operar nos três simultaneamente: como ícones, por sua semelhança com o objeto representado; como índices, ao indicarem uma relação causal ou factual com algo real; e como símbolos, ao serem codificadas dentro de um sistema cultural de significados. A partir disso, a imagem não se limita a um signo único, mas transita entre diferentes camadas de sentidos.

Conforme Marin (2005), as imagens carregam *opacidades* que escapam à verbalização total, pois sua dimensão material e sensível resiste à *tradutibilidade* plena em signos discursivos. O que não significa que os discursos e subtextos não existam na imagem para serem interpretados. Nesse sentido, a imagem se situa entre a *transparência*, quando é vista como um meio de representação, e a *opacidade*, quando é compreendida como uma presença autônoma. Acima da tradição filosófica e semiótica, Eco (1984) diz que a imagem, como um elemento dinâmico, varia de interpretação conforme seu contexto e suas interações com outros signos. A imagem assim é algo, representa algo, e diz algo; mas o que a imagem quer dizer? Simples, depende de *quem a vê*.

Com base na noção de arquétipo de Jung (2000), Durand (1995) diferencia as imagens resultantes de representações, como os signos e as alegorias, daquelas que derivam de apresentações diretas, conhecidas como símbolos. Enquanto as representações dependem de associações racionais e de uma relação mediada com o significado, os símbolos expressam conteúdos universais e profundos do inconsciente coletivo, acessados por meio da faculdade simbólica humana. É por meio dessa capacidade que os arquétipos, compreendidos como *virtualidades* do inconsciente coletivo, concretizam-se ao serem associados a imagens reconhecíveis pela consciência. Estas, que podem assumir formas visuais ou narrativas organizadas em sistemas linguísticos diversos, possibilitando-se que os conteúdos simbólicos se tornem compreensíveis e integrem a experiência humana.

Dessa forma, Durand (1995) ressalta que o simbólico descreve realidades, agindo como um elo entre o consciente e o inconsciente coletivo. O símbolo, portanto, transcendente da racionalidade, dá acesso a significados universais que estruturam e dão sentido à existência humana. Esse é o motivo do porquê a experiência individual é parte na equação do *compreender*

*de uma imagem*, assim como, o tecido social, do qual faz parte o inconsciente coletivo – tese de Jung (2000) - é o próprio indivíduo que a está interpretando.

As imagens não buscam, necessariamente, serem interpretadas, decodificadas ou desvendadas por seus espectadores. Tampouco aspiram a uma subjetividade outorgada pelos que as contemplam, pois sua existência pode ir além dos limites humanos e se aproximar de um universo utópico. O que as imagens querem, em sua essência, não é uma resposta definitiva, mas a formulação da própria pergunta sobre seu querer, reconhecendo-se a possibilidade de que essa indagação seja respondida com o mais absoluto silêncio, ou, “[...] em última instância, é simplesmente serem perguntadas sobre o que querem, tendo em conta que a resposta pode muito bem ser “nada” [...]” diz Alloa (2015, p. 186).

## **A TEORIA SOCIAL DO DISCURSO E A ANÁLISE DE DADOS: PARA QUEM A IMAGEM DISSE E O QUE DISSERAM ELES/ELAS SOBRE A IMAGEM**

A teoria tridimensional de Fairclough (2010) articula as dimensões textual, discursiva e social do discurso, tratando os textos, enquanto eventos linguísticos, relacionados às práticas sociais e aos contextos culturais, ideológicos e econômicos nos quais se inserem. Discurso, é um termo usual quando se trata da análise crítica (da linguagem) e, na concepção de Fairclough (2010, p. 22) “[...] os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as 'constituem'; diferentes discursos constituem entidades-chave [...]”. Então, o discurso, seja ele falado ou não, constrói linhas de compreensão que podem dar origem a outros discursos.

Logo, discurso é texto escrito ou falado, é imagem, é um ato praticado na sociedade, é e, tem uma função transformadora e construtora de identidades e quer dizer muitas coisas. Para a Análise Crítica do Discurso, este, pode expressar ideologias, que para Fairclough (2003, p. 13) “[...] é um dos efeitos causais dos textos [...]” e reforçar relações de poder entre determinados grupos e camadas da sociedade, em detrimento de outras e, frequentemente, expressam representações dominação e exploração hegemônicas.

Gramsci (1971), refere que para a compreensão das relações de poder, pela perspectiva da ACD, o poder não se sustenta apenas pela coerção, mas pela obtenção do consentimento social; um processo que ocorre por meio da ideologia. Dessa forma, se configura como uma disputa constante pela direção intelectual e moral da sociedade, em que grupos dominantes e

subordinados negociam posições e influências. Na teoria pós-marxista<sup>8</sup>, a hegemonia é concebida como um embate discursivo, no qual diferentes forças políticas competem para universalizar suas perspectivas sobre o mundo. Butler, Laclau e Žižek (2000; 1995) ressaltam que essa luta implica a contenção de demandas particulares que buscam obter legitimidade como verdades universais, em um processo conduzido por meio da articulação discursiva.

Por isso, Fairclough (2003; 2010; 2016) desenvolveu a Teoria Social do Discurso em uma tentativa de aprimorar e unificar a análise linguística com a teoria social, ao buscar um “[...] sentido mais socio teórico de 'discurso' com o sentido de 'texto e interação' [...]”, diz o autor (2010, p. 22). Sua teoria é tridimensional, na **dimensão textual**, o foco recai sobre os elementos linguísticos presentes no texto, como vocabulário, gramática e estrutura. Na **dimensão prática discursiva** examina-se o contexto de produção, distribuição e consumo dos textos, com atenção às dinâmicas de intertextualidade e interdiscursividade. Na **dimensão da prática social**, a análise transcende o texto e o discurso para abordar as relações de poder, ideologia e hegemonia que influenciam, as práticas sociais. A pesquisa aqui conduzida será analisada utilizando essa teoria, a qual foi aplicada por meio de um questionário que buscou compreender as percepções de quinze participantes sobre a *Fotografia – 01* enquanto, as perguntas foram formuladas para investigar diferentes aspectos dessa percepção, por meio da ACD (grifou-se).

Inicialmente, questionou-se ‘*O que você sente ao observar a imagem?*’, visando captar as reações emocionais e subjetivas dos participantes. Em seguida, perguntou-se ‘*Em uma escala de 1 a 5, quanto você acredita que a imagem e o que ela representa afetam a sua vida?*’, para mensurar o impacto individual da temática representada. Para avaliar o nível de conscientização ambiental despertado, perguntou-se ‘*O quanto a imagem desperta em você sentimentos de preocupação com as questões ambientais?*’.

A relação entre essa preocupação e a predisposição para mudança foi explorada na pergunta ‘*O quanto a sua preocupação com as questões ambientais mostradas na imagem é suficiente para mudar alguma atitude no seu dia a dia?*’. Também, foram feitas perguntas abertas, como ‘*Quais atitudes você considera concretas e eficazes para enfrentar as questões ambientais apresentadas na imagem?*’ e ‘*O que seria necessário para você tomar alguma atitude concreta em relação às questões ambientais apresentadas na imagem?*’, com o intuito

---

<sup>8</sup> Baseia-se na ideia de que as categorias marxistas, como classe social e luta de classes, precisam ser revisadas para compreender as dinâmicas do capitalismo moderno, que incluem questões de identidade, cultura e representação. Ver: ŽIŽEK, Slavoj. **El sublime objeto de la ideología**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2003 e; THERBORN, Göran. **Do marxismo ao pós-marxismo?** São Paulo: Boitempo, 2012.

de identificar soluções e condições que os participantes consideraram necessárias para promover mudanças reais.

Por meio do formulário *Google Forms* foram obtidas quinze respostas, das quais se faz uma análise tridimensional utilizando os elementos de análise da Teoria Social do Discurso e algumas perguntas orientadoras foram criadas, especificamente, para esta pesquisa, conforme o Quadro 01, que segue:

Quadro 01– Matriz de análise com base na concepção tridimensional do discurso de Fairclough.

DIMENSÃO	ELEMENTOS DE ANÁLISE	PERGUNTAS ORIENTADORAS
Texto	Vocabulário, gramática, coesão, estrutura textual	Quais palavras e expressões são utilizadas? Como a sintaxe e a organização do texto influenciam a interpretação?
Prática Discursiva	Produção, distribuição, consumo	Quem produziu o discurso e em que contexto? Como ele é distribuído e consumido? Quais intertextualidades estão presentes?
Prática Social	Ideologia, hegemonia, relações de poder	Como este discurso reproduz ou desafia relações de poder? Quais implicações sociais estão associadas ao discurso?

Fonte: Fairclough (2010). Elaboração da pesquisadora Lucimara.

Para orientar a leitura, segue o Quadro 02, com o conjunto pergunta-resposta 01 e à análise correspondente.

Quadro 02 – conjunto pergunta-resposta 01 e análise.

<p><b>Pergunta 01</b></p> <p><i>O que você sente ao observar a imagem?</i></p>	<p>Desolação, uma prévia do futuro do planeta.            Deprimido            Que o amanhecer não é mais ensolarado, mas cinza, prejudicando a saúde de todos            Preocupação com a situação do meio ambiente.            preocupação            melancolia            Que a espécie humana não deveria existir            Raiva            Perturbação.            Tristeza e apreensão            Muito desconforto.            Desespero APOCALÍPTICO</p>
--	--

Fonte: Formulário de resposta *Google Forms* (2024).

A análise das respostas demonstra um grau profundo de impacto emocional e imediato nos participantes, traduzido por um vocabulário marcadamente pessimista e alarmante. As expressões utilizadas – “*desolação*”, “*deprimido*”, “*melancolia*”, “*perturbação*”, “*tristeza e apreensão*” – denotam um estado de angústia e inquietação, enquanto enunciados como

“*desespero apocalíptico*” e “*a espécie humana não deveria existir*” sugerem uma percepção extremamente negativa do ser humano em meio de degradação ambiental. O léxico predominante é marcado por termos fortemente emotivos, remetendo sempre a um cenário de colapso e irreversibilidade. A ausência de atenuadores linguísticos faz supor que os respondentes percebem a imagem como um alerta urgente, sem necessidade de elaboração argumentativa extensa para justificar sua inquietação. Quanto à estrutura das respostas – predominantemente breve e assertiva – reforça a imediaticidade do impacto visual, levando a crer que as reações foram diretas e espontâneas. Esta característica coaduna-se com estudos que apontam que imagens impactantes frequentemente provocam respostas emocionais automáticas antes mesmo de serem racionalizadas discursivamente (Juliano, 2017).

As respostas também denotam uma intertextualidade evidente com discursos ambientalistas de colapso, recorrentes na mídia e na literatura acadêmica sobre mudanças climáticas. A associação da imagem com um futuro sombrio e devastador, presente em expressões como ‘*uma prévia do futuro do planeta*’, demonstra que a imagem mobiliza referenciais simbólicos já disseminados na sociedade, reforçando-se um discurso apocalíptico da degradação ambiental, que poderia ser de um cenário distópico, mas se refere a uma realidade tóxica e fática, na qual o meio ambiente é concebido como um espaço em transformação para um instante não *tão futuro* de um colapso iminente.

A análise social das respostas permite observar a presença de dois principais vetores ideológicos. O primeiro, de caráter crítico e estrutural, que se manifesta na percepção de que a degradação ambiental é uma consequência direta da ação humana, muitas vezes associada a modelos produtivos predatórios e ao descompromisso governamental, o que fica subtendido. A formulação ‘*a espécie humana não deveria existir*’ exemplifica esse pensamento ao sugerir que a humanidade é intrinsecamente destrutiva para o planeta, o que remete a discursos que questionam a viabilidade da convivência entre desenvolvimento econômico e preservação ambiental e até mesmo questionam a própria existência dos seres humanos no planeta<sup>9</sup>, em um discurso ambientalista radical.

O segundo vetor ideológico está relacionado à hegemonia do discurso da crise ambiental. Fairclough (2010) argumenta que discursos hegemônicos são aqueles que, por meio

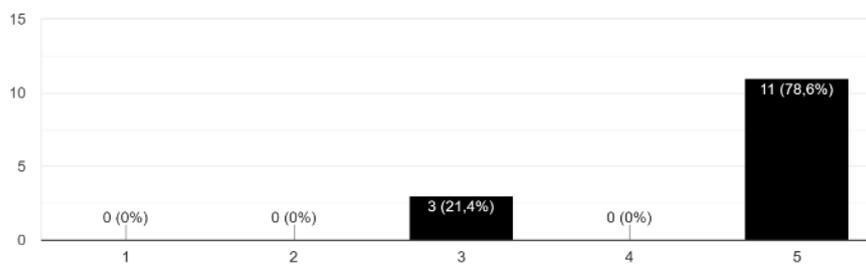
---

<sup>9</sup> Essa ideia é disseminada em diversos meios, dentro os quais, cita-se o livro *Inferno* de Dan Brown, adaptado para o cinema com o mesmo nome, em que uma das premissas principais envolve o personagem antagonista, Zobrist, que acredita que a solução para os problemas do planeta, como a superpopulação e a escassez de recursos, seria a dizimação de uma parte da população mundial. Zobrist vê isso como um mal necessário para garantir a sustentabilidade do planeta, sugerindo-se uma abordagem radical e utilitarista para lidar com as questões ambientais. Ver: BROWN, Dan. **Inferno**. Tradução de Cláudia P. P. de Sá. 1. ed. São Paulo: Arqueiro, 2013.

de sua ampla aceitação, passam a ser percebidos como verdades inquestionáveis. No caso em análise, a concepção de que a crise ambiental é uma ameaça incontestável e iminente tornou-se um elemento discursivo naturalizado, de tal modo que apesar da resposta negativa imediata, é comum o suficiente para ser esquecido após ser visto. A internalização desse discurso refere que degradação do meio ambiente acontece como um fenômeno inevitável e ao mesmo tempo distante, podendo gerar um sentimento de impotência e fatalismo e causando um efeito reverso ao reduzir a capacidade de mobilização social efetiva.

Em relação a segunda pergunta, segue o Gráfico 01 – Escala Likert<sup>10</sup> - pergunta-resposta 02:

Em uma escala de 1 a 5, em que 1 é 'nada' e 5 é 'muito', quanto você acredita que a imagem e o que ela representa afetam a sua vida?  
14 respostas



Fonte: Formulário de respostas *Google Forms* (2024).

A análise das respostas relativas ao impacto da imagem na vida dos participantes demonstra um elevado nível de envolvimento e identificação com a problemática representada. Os dados demonstram que 78,6% dos participantes atribuíram nota 5, indicando que a imagem e seu significado possuem forte influência em sua percepção de mundo e cotidiano, enquanto 21,4% atribuíram nota 3, o que ainda sugere um impacto considerável, embora menos intenso. Nenhum dos participantes marcou as opções 1 ou 2, o que pode significar a inexistência de uma percepção de indiferença ou distanciamento em relação ao problema, ou ainda, certa pressão por responder positivamente ao questionário, com base, na resposta moralmente correta que se espera<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> Desenvolvida por Rensis Likert em 1932, é uma ferramenta utilizada em pesquisas sociais e psicológicas para medir atitudes e percepções dos indivíduos sobre determinado assunto. Ver: LIKERT, Rensis. A Technique for the Measurement of Attitudes. *Archives of Psychology*, v. 22, n. 140, p. 1-55, 1932.

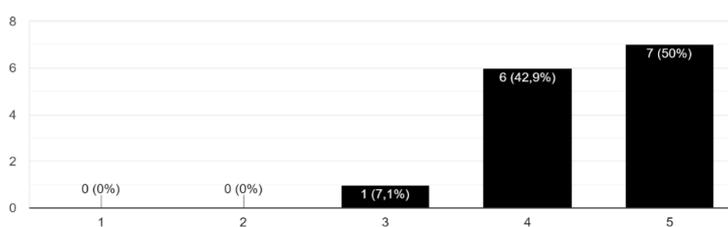
<sup>11</sup> Isso refere-se ao fenômeno conhecido como *social desirability bias* (viés de desejabilidade social), em que os respondentes tendem a fornecer respostas que acreditam serem mais aceitas ou aprovadas socialmente, em vez de expressar sua verdadeira opinião ou percepção. Ver: NORRIS, N. Error, bias and validity in qualitative research. *Educational Action Research*, v. 5, n. 1, p. 172–176, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09650799700200020>. Acesso em: 19 maio 2025.

Do ponto de vista textual, a formulação da pergunta leva o participante a um processo de autoavaliação sobre a relevância da imagem em sua vivência pessoal. A escolha da escala de 1 a 5 como métrica para mensuração subjetiva permite que os participantes expressem diferentes graus de impacto, e a predominância de respostas nas categorias mais altas confirma a eficácia da imagem na ativação de um discurso ambientalista mobilizador. Na dimensão discursiva, as respostas indicam uma internalização do discurso da crise ambiental como um fenômeno tangível e presente na realidade dos participantes. O fato de uma ampla maioria considerar que a imagem afeta suas vidas pode dizer que a crise ecológica não é percebida como uma abstração, mas como uma questão que interfere no cotidiano e no futuro da sociedade.

No âmbito social, a prevalência de respostas que indicam um alto grau de impacto sugere que o discurso ambientalista alcançou um patamar de legitimidade e influência considerável na construção da consciência coletiva. No presente caso, a aceitação generalizada da gravidade da crise ambiental demonstra que as narrativas circulam e moldam ativamente as percepções individuais sobre a realidade. Contudo, a análise social do discurso também demonstra questionamentos sobre a capacidade real de mobilização gerada por esse impacto emocional e cognitivo. Embora, os participantes reconheçam que a imagem os afeta, permanece a questão: *esse impacto se traduz em ação concreta ou apenas reforça um sentimento de impotência diante do problema?* A hegemonia de um discurso não garante, por si só, a efetividade de medidas transformadoras. Se a percepção da crise ambiental for acompanhada apenas por sentimentos de ansiedade e angústia, sem um direcionamento para soluções concretas, pode ocorrer uma paralisia coletiva, em que o problema, apesar de, amplamente reconhecido, têm respostas práticas limitadas.

Em relação à pergunta de nº 03, abaixo está o Gráfico 02 – Escala Likert - pergunta-resposta:

Em uma escala de 1 a 5, em que 1 é 'não, de forma alguma' e 5 é 'sim, completamente', o quanto a sua preocupação com as questões ambientais mostr...te para mudar alguma atitude no seu dia a dia?  
14 respostas



**Fonte:** Formulário de respostas *Google Forms* (2024).

A análise das respostas relativas à influência da preocupação ambiental na mudança de hábitos diários diz sobre um alto grau de predisposição dos participantes para a adoção de novas práticas. Os dados indicam que 50% dos participantes atribuíram nota 5, sinalizando que sua preocupação com as questões ambientais os impulsiona a modificar atitudes cotidianas, enquanto 42,9% atribuíram nota 4, o que ainda demonstra um impacto considerável. Apenas 7,1% atribuíram nota 3, e não houve respostas indicando notas 1 ou 2, o que pode significar que não há indiferença ou desengajamento absoluto diante do problema ambiental apresentado.

Do ponto de vista textual, a formulação da pergunta estrutura-se de maneira a correlacionar preocupação ambiental e mudança comportamental, assumindo-se implicitamente que existe um vínculo direto entre esses dois fatores. Tal pressuposto, presente em discursos sustentáveis, pode ser problematizado, pois a consciência ambiental nem sempre se traduz em ação concreta, devido a fatores internos, construídos ao longo da vida do ser humano, como a falta de pertencimento local, que gera um certo grau de indiferença ambiente e externos, como falta de infraestrutura, barreiras econômicas ou ausência de políticas públicas que incentivem e facilitem práticas ambientalmente responsáveis, assim como, educação ambiental, na pretensão de *educar* os seres humanos para a proteção ambiental prática.

Na dimensão discursiva, a distribuição das respostas reforça a presença de um discurso dominante que vincula a responsabilidade ambiental ao indivíduo, alinhando-se à lógica da sustentabilidade enquanto comportamento pessoal. A narrativa disseminada pela mídia e por instituições governamentais, incentiva a adoção de práticas como reciclagem, redução do consumo de materiais não biodegradáveis e menor utilização de plásticos descartáveis, mas frequentemente, minimiza a necessidade de mudanças estruturais e sistêmicas. A alta adesão a notas 4 e 5 pode indicar que os participantes internalizaram esse discurso e percebem sua preocupação ambiental como um fator motivador para mudanças individuais.

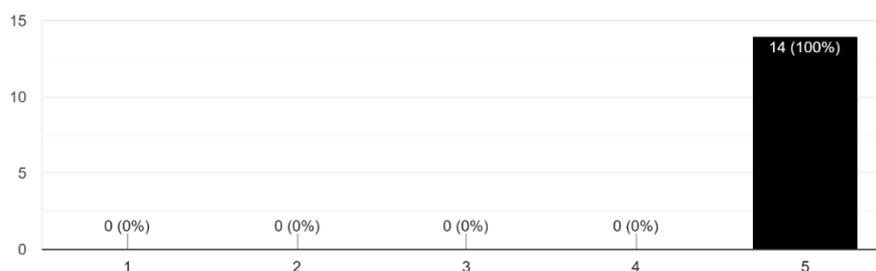
No âmbito social, a predominância de respostas que tratam de predisposição para a ação pode ser interpretada à luz da ideia de que a responsabilidade ambiental deve partir do indivíduo e ser manifestada através de hábitos diários tornou-se um imperativo normativo, frequentemente deslocando a discussão de mudanças estruturais para o nível do comportamento individual. A existência desse deslocamento ideológico pode ser problemática, pois, mesmo que as ações individuais sejam imprescindíveis, a crise ambiental é também resultante de fatores macroestruturais, como modelos produtivos baseados na exploração intensiva dos recursos naturais, desregulamentação ambiental e políticas públicas ineficientes, todos estes, profundamente inseridos no nosso cotidiano. A predominância de respostas positivas neste

contexto sugere que, ainda que os participantes reconheçam a gravidade da questão ambiental e busquem adaptar suas rotinas para mitigar impactos negativos, a responsabilização também recai sobre agentes institucionais e econômicos.

Gráfico 03 – Escala Likert 1º - pergunta-resposta em gráfico, traz a representação visual da pergunta nº 4.

Em uma escala de 1 a 5, em que 1 é 'nada' e 5 é 'muito', o quanto a imagem desperta em você sentimentos de preocupação com as questões ambientais?

14 respostas



**Fonte:** Formulário de respostas *Google Forms* (2024).

As respostas demonstram à primeira vista um grau absoluto de sensibilização ambiental entre os participantes, uma vez que 100% dos participantes atribuíram nota 5, fazendo concluir que a imagem desperta neles um elevado nível de preocupação com as questões ambientais e demonstra também a efetividade da imagem como um dispositivo discursivo mobilizador, capaz de reforçar e potencializar percepções já enraizadas sobre a crise ambiental. Do ponto de vista textual, a pergunta está formulada de maneira a induzir uma resposta introspectiva e subjetiva.

Na dimensão discursiva, a unanimidade das respostas faz crer que o discurso ambientalista alcançou uma posição hegemônica, consolidando-se como um consenso inquestionável dentro do imaginário coletivo, dentro do grupo dos quinze participantes, enquanto universo da pesquisa. A dimensão social interpreta essa hegemonia discursiva sob diferentes perspectivas. Por um lado, pode ser visto como um indicativo de que os discursos científicos e ativistas conseguiram consolidar a crise ambiental como um problema global e prioritário. Entretanto, mais uma vez, pode significar que ele não precisa mais disputar espaço dentro do imaginário social, tornando-se um elemento paralisante se não for acompanhado de estratégias concretas.

Quadro 03 - conjunto pergunta-resposta e à análise correspondente.

<p><b>Pergunta 05</b></p> <p><i>Quais atitudes você considera concretas e eficazes para enfrentar as questões ambientais apresentadas na imagem?</i></p>	Prevenção, mais fiscalizações ambientais.
	Reforma agrária e estimular o desenvolvimento sustentável(chega de desmatamento provocado pelos latifundiários, plantadores de soja e cana).
	Evitar queimadas, reciclar o lixo, ensinar as crianças
	Cuidados básicos do dia-dia, como separação do lixo, cuidado com a emissão de gases tóxicos, limpeza de nascente e preservação de áreas de banhado, cuidado com o aumento desenfreado das cidades, incentivos à produção consciente com energias renováveis, projetos que incentivem a reciclagem, uma maior conscientização dos mais jovens com relação a cuidados com o meio ambiente, estudos sobre o descarte do lixo, etc
	São várias, mas educação ambiental, aliada a uma rotina individual de cuidado ao meio ambiente e políticas públicas eficientes voltadas à proteção ambiental estão no topo da lista.
	cobrar do poder publico e representantes algum planejamento para enfrentar crises climaticas, acredito que cobrar dos cidadãos comuns não é tão efetivo sem que haja um suporte ambiental baseado em ação/punição, já que os maiores responsáveis pelas catástrofes são grandes companhias e o agro
	Reduzir e eliminar a emissão de poluentes; mudar as matrizes energéticas para fontes renováveis e limpas; fomentar o transporte público movido por fontes limpas; combater, fiscalizar e criminalizar as queimadas; defender áreas públicas, quilombolas e aldeias indígenas contra a grilagem; incentivar o plantio de árvores e demais plantas com incentivos diversos, inclusive com desconto de IPTU, por exemplo.
	Proibir queimada
	Educação ambiental, prevenção, fiscalização, aumentar estruturas de combate a incêndio e outros investimentos em pessoal e capacitação técnica, que as autoridades públicas deixem de só falar e levem a sério o problema e se empenhem em agir...
	Separar o lixo para reciclagem, diminuição do consumo de carne bovina, cuidar da natureza, plantando árvores e evitando desmatamento
	Seriedade responsabilização dos governos
	Quando a informação tem base científica
	Consumir nada de origem animal, praticar o minimalismo, bem como os 5 Rs, atuar politicamente a favor do meio ambiente, enfim, reduzir ao máximo a pegada ambiental.
	Divulgação das questões ambientais - trabalho de conscientização política - cuidados concretos no meu dia a dia

**Fonte:** Formulário das respostas *Google Forms (2024)*.

A análise das respostas demonstra uma diversidade de perspectivas sobre quais seriam as medidas concretas e eficazes para enfrentar os problemas ambientais apresentados na imagem. Os participantes sugerem tanto ações individuais quanto mudanças estruturais e políticas. Do ponto de vista textual, observa-se uma variação no nível de detalhamento e na argumentação das respostas. Enquanto algumas sugestões são diretas e objetivas, como "*proibir queimada*" e "*separar o lixo para reciclagem*", outras apresentam descrições mais estruturadas,

desde mudanças nas matrizes energéticas até reformas legislativas e estruturais. Essa diferença sugere que os participantes possuem diferentes graus de envolvimento com a temática ambiental, indo desde percepções pragmáticas e cotidianas até propostas que demandam ações governamentais e sociais.

Na dimensão discursiva, identificam-se dois grandes vetores de responsabilização ambiental. O primeiro, baseado na responsabilidade individual e mudanças de comportamento, é defendido por participantes que trabalham em suas narrativas a importância de práticas como reciclagem, consumo consciente, redução do uso de produtos de origem animal e incentivo à educação ambiental, alinhando-se a discursos disseminados pela mídia e por organizações ambientais, que promovem a sustentabilidade a partir de hábitos diários. O segundo vetor se baseia na responsabilização estrutural e governamental, sustentado por aqueles que enfatizam a necessidade de fiscalização ambiental, reformas estruturais e maior comprometimento do setor público e das grandes empresas. Respostas como *"cobrar do poder público e representantes algum planejamento para enfrentar crises climáticas"* e *"grandes companhias e o agronegócio são os maiores responsáveis pelas catástrofes"* apontam para uma leitura crítica, sugerindo-se que o problema não pode ser resolvido apenas por ações individuais, mas requer uma mudança sistêmica e regulatória.

Na dimensão social, a coexistência dessas duas abordagens aponta uma disputa discursiva entre a sustentabilidade como responsabilidade coletiva e a sustentabilidade como ação individualizada. No caso presente, observa-se que o discurso da sustentabilidade individualizada já está consolidado como um imperativo social, uma vez que a maioria das sugestões inclui mudanças comportamentais cotidianas. No entanto, há também uma tentativa de reestruturação desse discurso, com uma parcela dos participantes questionando a função social das corporações e do Estado na degradação ambiental.

Os dados indicam que os participantes reconhecem a gravidade da questão ambiental e apontam múltiplas estratégias para enfrentá-la. No entanto, a predominância de respostas que enfatizam ações individuais sugere que, embora exista uma compreensão crítica do problema, o discurso dominante ainda prioriza mudanças comportamentais no nível do cidadão comum, enquanto a pressão por transformações estruturais é menos presente. Há assim, uma espécie de deslocamento discursivo da responsabilidade ambiental, que recai sobre os indivíduos e não necessariamente sobre os setores que possuem maior impacto na crise ecológica global. Logo, a efetividade das medidas propostas dependerá tanto da adoção de práticas sustentáveis no dia

a dia, como da articulação entre políticas públicas, iniciativas privadas e engajamento da sociedade civil.

Quadro 04 - conjunto pergunta-resposta 06 e à análise correspondente.

<p><b>Pergunta 06</b></p> <p><i>O que seria necessário para você tomar alguma atitude concreta em relação às questões ambientais apresentadas na imagem?</i></p>	Acho q a atitude de e ser dos governantes, através da política.
	Que eu tenha terra, dai, então, vou preservar ( de nada adianta cuidar na cidade se no meio rural estão devastam tudo. Não há dinheiro que chegue para a turma do agro).
	Acho que no geral, seria importante haver uma lei obrigatória que tivesse consequências financeiras, para que as pessoas tivessem outro olhar sobre o meio ambiente
	Com relação as questões ambientais ligadas a imagem, trata-se de problema no qual o nosso país tem dificuldade em aceitar, tendo em vista o pouco investimento que faz no setor responsável. Pois todos tem o conhecimento que em época de seca, com os fenômenos climático "el niño e la niña", os quais estão presente a anos, nunca se buscou alternativas reais de cuidado e preservação. Sendo que grande parte das queimadas do ano em vigência foram por culpa de focos causados pelo homem de forma criminosos. Assim, não existe conscientização cultural no país, be m como preocupação do atual governo em colocar em prática o uso dos meios necessários para o combate a queimadas. Pois cabe sempre aos dondos de terras a aplicação de nos tecnologias, do cuidado com as APP, mas não existe um retorno, pois o governo não investe na prevenção e nem mesmo nas pessoas que combatem incêndios. Um país com uma imensidão, onde tem locais onde ´tem seca e outro enchente, não tem capacidade de administrar e nem enviar recursos para tanto, ficando sempre na conta da sociedade, a qual se mobiliza e realiza o trabalho do governo, que por sinal vive as custas de todos.
	a imagem representa uma situação que por si insta que haja movimento visando a proteção ambiental, pois afeta diretamente cada indivíduo que a vislumbra. mas basta que se tome conhecimento da situação para que se faça algo destinado a mudar.
	acredito que meu papel enquanto cidadã é votar em representantes que tenham projetos voltados ao combate de crise climática e redução de riscos, ou que não sejam coniventes com as grandes corporações. Sem uma mudança estrutural não há uma mudança. Mesmo que as queimadas afetem a base social e afetem minha individualidade, é muito difícil tomar alguma atitude que derrube os principais responsáveis por isso.
	Atitudes simples, como separar o lixo, plantar árvores, evitar o uso de veículos (que faço no cotidiano).
	Nada
	Já tomo , fazendo tudo o que está em meu alcance e esclarecendo as pessoas sobre as questões ambientais.
	Todas as anteriores, mas ainda precisamos de tecnologia para melhorar o combate a incêndios criminosos ou não (só a a atitude individual não é suficiente). A demora em combatê-los aumenta o estrago. Também precisamos de leis que combatam o desmatamento ilegal e outros crimes ambientais cujo cumprimento seja exigência para a aquisição de financiamentos no sistema financeiro. Crimes precisam ser punidos no bolso,

	Tempo
	Existem fenômenos cíclicos da natureza, e outros que significam ser realidade como por exemplo o aumento da temperatura do planeta. Então imagens e fatos que não correspondem a questões científica, desacredita o fato central preservar o ambiente natural
	Persistência, pois procuro sempre fazer todo o possível.
	Já tomei

Fonte: Formulário de respostas do *Google Forms* (2024).

As respostas trazem as percepções dos participantes sobre o que seria necessário para que tomassem atitudes concretas em relação às questões ambientais apresentadas na imagem. De maneira geral, mais uma vez, as respostas dizem tanto sobre uma expectativa de ação governamental e mudanças estruturais, como sobre a possibilidade de engajamento individual. Do ponto de vista textual, as respostas apresentam diferentes graus de argumentação e complexidade. Algumas são curtas e diretas, como "*Nada*", "*Já tomei*", "*Persistência, pois procuro sempre fazer todo o possível*", enquanto outras elaboram análises críticas sobre a gestão ambiental, mencionando fatores como falta de investimento governamental, políticas ineficazes e ausência de suporte institucional. O contraste sugere que os participantes possuem diferentes níveis de percepção sobre a crise ambiental e sobre a sua função, oscilando entre uma visão pragmática e uma postura cética quanto à efetividade de medidas individuais. Sendo que as posturas mais cétricas, presentes na maioria das resolutivas são um alerta para a estagnação já comentada, pois, segue-se a lógica '*se eu não acredito, não tenho porquê fazer*'<sup>12</sup>.

Na dimensão discursiva, observa-se a presença de um eixo argumentativo mais estruturado, destacado pela necessidade de mudanças políticas e institucionais, conforme expresso em respostas como "*Acho que a atitude deve partir dos governantes, através da política*", "*Seria importante haver uma lei obrigatória que tivesse consequências financeiras, para que as pessoas tivessem outro olhar sobre o meio ambiente*", e "*Não há dinheiro que chegue para a turma do agro*" – sugerindo-se que a degradação ambiental é percebida como um problema estrutural que demanda regulamentações mais rigorosas e investimento público,

<sup>12</sup> A afirmação segue a linha de raciocínio de duas teorias, a da Inação e a da Dissonância Cognitiva, que observam o comportamento humano frente a problemas sociais. Enquanto a inação é caracterizada pela falta de resposta ou ação diante de uma situação que exigiria intervenção, a dissonância cognitiva, proposta diz que as pessoas buscam reduzir o desconforto causado pela contradição entre suas crenças e comportamentos. Quando indivíduos cétricos não acreditam em um problema ou subestimam sua importância, essa inatividade pode ser justificada pela dissonância, em que a inação se torna uma forma de minimizar o conflito interno. Assim, o comportamento passivo pode ser reforçado pela tentativa de evitar a discordância entre a percepção de um problema e a ação necessária para resolvê-lo. Ver: BATE, Julian. **Theories of Social Action and Inaction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012 e FESTINGER, Leon. **A Theory of Cognitive Dissonance**. Stanford: Stanford University Press, 1957.

ao passo que também afasta a responsabilidade do indivíduo quando se trata de concretizar ações.

Na dimensão social, a coexistência desses discursos (i) ações individuais *versus* (ii) ações governamentais, pode derivar de um processo de disputa ideológica sobre a responsabilidade pela crise ambiental ou, seja, em tradução seria o mesmo que dizer: **‘de quem é a culpa? Não sei, só sei que não é minha’** (grifou-se). Tal afirmativa se evidencia com respostas como *"Tempo"*, *"Nada"*, e *"Já tomei"*, que indicam que, para alguns participantes, a percepção do problema ambiental não necessariamente resulta em mudanças práticas, seja por descrença na efetividade da ação individual, seja por considerar que já fazem o suficiente dentro de suas possibilidades.

Dessa forma, os dados analisados demonstram que, embora exista uma forte preocupação ambiental entre os participantes, há uma fragmentação quanto à percepção da responsabilidade pela solução do problema, ou ainda, que o problema não possui solução aparente. Por certo, o problema existe e foi registrado na imagem, esta, que apesar de capturar uma questão envolvendo queimadas, mobilizou narrativas que trataram da crise climática e ambiental como um todo, respondendo a última questão sobre para quem a imagem disse e o que disseram eles/elas sobre ela.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa analisou crítica e discursivamente as percepções e sentimentos suscitados pela imagem *Amanhecer ofuscado por cinzas sob a velha guajuvira*, considerando sua relação com a crise ambiental contemporânea. Fundamentada na Teoria Social do Discurso de Fairclough, a investigação buscou compreender como a imagem mobiliza sentidos, reforça ideologias e influencia práticas sociais. A análise seguiu a abordagem tridimensional, examinando-se os aspectos linguísticos, discursivos e estruturais, a partir das respostas obtidas por meio de um questionário semiestruturado.

Os resultados indicaram que a imagem, em maioria, despertou forte impacto emocional, evidenciado por um vocabulário que expressou angústia, frustração e impotência diante da degradação ambiental. A ausência de respostas neutras ou indiferentes sugere que a crise ambiental está consolidada como uma preocupação inescapável no imaginário coletivo. No plano discursivo, verificou-se a coexistência de duas grandes correntes interpretativas: a ênfase na ação individual – pautada em mudanças comportamentais cotidianas– e a defesa de transformações estruturais, que reivindica políticas públicas mais rigorosas e responsabilização

de agentes econômicos e estatais. A predominância da narrativa da sustentabilidade individualizada, não necessariamente, se traduz em ações efetivas, já que a percepção de um problema de nível global pode gerar paralisia/inação diante da sensação de impotência individual, como se observou nas respostas da última pergunta (nº 6) e do somatório de todas as questões.

O estudo demonstrou que as imagens informam, estruturam discursos, reforçam ideologias e modificam percepções sociais. Contudo, para que esse discurso resulte em mudanças tangíveis, seria necessário um esforço conjunto entre indivíduos, instituições e governos, superando-se a dicotomia que foi visualizada sobre *‘de quem é a culpa’*.

Diante de todas as conclusões alcançadas, o questionamento que surge ao final da pesquisa é: **como traduzir a consciência ecológica em mobilização coletiva capaz de gerar impactos reais?** (grifou-se). Esse questionamento permanece aberto e demanda induções futuras sobre a função discursiva ideológica da política e da sociedade na construção de soluções que ultrapassem o campo simbólico.

## REFERÊNCIAS

ALLOA, Emmanuel (Org.). **Pensar a imagem**. Tradução coordenada por Carla Rodrigues. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BROWN, Dan. **Inferno**. Tradução de Cláudia P. P. de Sá. 1. ed. São Paulo: Arqueiro, 2013.

BUTLER, Judith; LACLAU, Ernesto; ŽIŽEK, Slavoj. **Contingency, Hegemony, Universality: Contemporary Dialogues on the Left**. London: Verso, 2000.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Devant l’image: questions posées aux fins d’une histoire de l’art**. Paris: Minuit, 1998.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1995.

ECO, Umberto. **Semiótica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução de Vera Ribeiro. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. 3. ed. Harlow: Pearson Education, 2016.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.

GRAMSCI, Antonio. **Selections from the Prison Notebooks**. London: Lawrence and Wishart, 1971.

JUNG, Carl Gustav. **O inconsciente coletivo e os arquétipos**. Tradução de Sérgio Telles. 1. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2010.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Editora Pensamento, 1980.

JULIANO, Maria. **Imagens, emoção e discurso: o impacto emocional de representações visuais na construção de significados**. 1. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2017.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemony and Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics**. London: Verso, 1985.

MARIN, Louis. **As Opacidades da Pintura**. São Paulo: Edusp, 2005.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1998.

PEIRCE, Charles. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento sustentável: o futuro do mundo**. Tradução de Maria de Fátima Oliveira. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução de José Marcos Mariani. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

THERBORN, Göran. **Do marxismo ao pós-marxismo?** São Paulo: Boitempo, 2012.

UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA (UNICRUZ). **Programa PSDS: Linhas de Pesquisa**. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/o-programa-psds/>. Acesso em: 18 jan. 2025.

ZIZEK, Slavoj. **El sublime objeto de la ideología**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2003.